

Devo e não nego

Cenatexto

A luz da casa de Eduardo e Meire havia sido cortada por falta de pagamento. Hoje, você vai ver se eles conseguiram ou não resolver esse problema e se conseguiram colocar, dentro da rotina doméstica, o pagamento das diversas contas que vencem ao longo do mês.

- Eduardo, tentei resolver o problema da luz e não consegui. A Jane me emprestou o dinheiro e fui ao banco depois de pegar, no posto de serviços aqui no bairro, a segunda via da conta. Só no final me falaram que o prazo para religamento da luz é de 72 horas. Olha se tem graça, a gente passar o resto do dia no escuro! Eu já cansei de falar...

- Meire, não dá pra fazer disso um cavalo de batalha. Ainda mais que você já resolveu o problema. Agora só resta esperar. O negócio é usar velas e aquele lampião antigo.



- Eduardo, é por essas e por outras que você pode ir tirando o cavalo da chuva porque eu vou voltar a trabalhar, amanhã mesmo. Quando pedi a Jane o dinheiro emprestado, combinei que ia pagar fazendo suas unhas.

Pego de surpresa, Eduardo ficou uns instantes ali na sala parado, sem saber o que falar. Imaginava como poderia continuar a conversa. Ainda que fosse contra a mulher trabalhar fora, não conseguiu argumentar. Além disso, ficou pensando se um dinheirinho a mais, todo mês, não ajudaria nas despesas.

- Meire, não precisamos começar outra discussão. Sempre achei que a gente podia viver de maneira mais simples. Mas, se você quer ter seu dinheiro, experimente trabalhar e veja se consegue cuidar dos meninos e da casa.

- É claro que sim. Não vou ser a primeira a fazer isso. Pra mim, o melhor é que vou ter meu dinheiro e, com ele, colocar alguma coisinha a mais dentro de casa. Não agüento mais viver nesta dureza.

- Você podia, então, ficar responsável pelo pagamento de algumas contas, a partir de agora. Aliás, como você sempre quis.

- Fico sim e como acho que só aqui no conjunto vou conseguir uma clientela razoável, espero que logo no mês que vem o meu dinheiro já dê pra pagar algumas contas.

Foi uma noite de pouca conversa. Na casa escura os meninos não podiam transitar e correr livremente, como sempre faziam. E, sem poder ligar a TV, todos acabaram indo dormir mais cedo.

Na Cenatexto há duas expressões que formam *frases feitas* e que são muito comuns na fala. Veja:

1. Explique o que significam essas expressões no contexto em que elas foram apresentadas.

a) *Cavalo de batalha*:

b) *Tirar o cavalo da chuva*:

2. Indique outras expressões que você conheça e que tenham a palavra *cavalo*.

.....

Releia a seguinte passagem da Cenatexto:

*Ainda que fosse contra a mulher trabalhar fora, não conseguiu **argumentar**.*

A palavra em destaque é registrada da seguinte forma no dicionário:

argumentar. *v.int.* 1. Apresentar argumentos; aduzir os raciocínios que constituem uma argumentação. 2. Discutir. *v.t.i.* 3. deduzir, concluir. 4. apresentar argumentos; sustentar controvérsias *v.t.d. i.* 5. Pregar, ensinar *v.t.d.* Apresentar como argumento; alegar

Veja o que significa a palavra *argumento*:

argumento. *s.m.* 1. raciocínio pelo qual se tira uma consequência ou dedução. 2. indício, vestígio. 3. Assunto, tema, enredo. 4. Discussão, contenda. 5. *cin.* História especialmente preparada para o cinema

3. Indique qual o sentido que a palavra *argumentar* apresenta na Cenatexto.

.....

Entendimento

1. Você viu que Meire disse pra Eduardo *tirar o cavalo da chuva*. A que, exatamente, ela se referia ao utilizar essa expressão?
2. Pode-se afirmar, com base na Cenatexto, que a personagem Meire é decidida? Justifique sua resposta.
3. O narrador diz, referindo-se ao Eduardo, que ele *não conseguiu argumentar*. Observe os seguintes trechos extraídos da Cenatexto:
 - *Sempre achei que a gente podia viver de maneira mais simples.*
 - *Veja se consegue cuidar dos meninos e da casa.*
 - *Ainda que fosse contra a mulher trabalhar fora.*Com base nessas referências, explique se algum desses trechos pode ser considerado um argumento no contexto em que aparece.
4. Quais eram as expectativas do casal Meire-Eduardo diante da nova situação, em que a mulher passaria a trabalhar fora de casa?

Aprofundando

Na aula anterior, você viu alguns conectivos que ligam orações coordenadas. Acontece que muitas vezes as relações lógicas existentes entre as orações coordenadas são indicadas pelo contexto e não pelos conectivos. Nesse caso, as orações coordenadas são classificadas como **assindéticas**. Embora essas orações não sejam introduzidas por conjunções coordenadas presentes no texto, elas mantêm entre si uma relação lógica. Nesse caso, a separação entre as orações se dá pela pontuação.

Os três recursos mais usados para separar duas orações coordenadas assindéticas são: **vírgula, ponto e vírgula, dois pontos**. Observe:

Vírgula ou **ponto e vírgula**: quando se tratar de coordenadas **aditivas**.

Exemplo: *Meire pensou, decidiu, procurou a amiga.*

Ponto e vírgula: quando se tratar de coordenadas **adversativas**.

Exemplos: *Comece seu trabalho; não se esqueça dos nossos filhos.*

Ponto e vírgula ou **dois pontos**: quando se tratar de **conclusivas** ou **explicativas**.

Exemplos: *A data do vencimento da conta é hoje: você deve pagá-la.*
Pague a conta; preciso de luz em casa.

Arte e vida

Parnasianismo

Agora você vai ver o **Parnasianismo**. O termo tem relação com a palavra **Parnaso**, montanha da Grécia Antiga, consagrada ao deus Apolo e às musas.

Os poetas parnasianos reagiram contra o Romantismo. Eles pretendiam que a poesia fosse neutra, impessoal. Para o **parnasiano**, a arte só devia se preocupar com a arte, por isso os poetas dessa tendência literária eram bastante indiferentes aos problemas sociais.

Seus poemas descrevem cenas, objetos e paisagens, mas alguns também fazem uma reflexão superficial sobre a vida.

A mais importante característica do *Parnasianismo* é a preocupação com a forma de expressão. Os poetas parnasianos seguiam regras fixas de composição quando iam escrever seus poemas. Preocupavam-se com as rimas, com a escolha das palavras, com o ritmo e, praticamente, se desligavam do conteúdo, da mensagem que os poemas transmitiam. Eles se esforçavam para não transmitir emoções no que escreviam, apesar de nem sempre conseguirem ser tão neutros como pretendiam.

Um dos mais importantes poetas parnasianos foi Olavo Bilac. Ele tratou de vários temas em seus poemas, entre eles, a História do Brasil, o amor, a morte e também a vida e seu significado. Tudo isso sem deixar de lado a preocupação com a forma, característica mais importante do *Parnasianismo*.

Leia um de seus poemas:

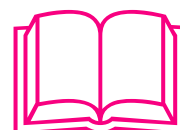
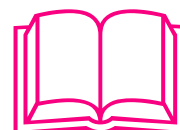
Nel mezzo del camin...

*Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...*

*E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.*

*Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.*

*E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.*



Fonte: Olavo Bilac. *Poesia*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1959. Pág. 39-43.

Veja aqui alguns dados sobre o poeta:

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu em 1865 e morreu em 1918 no Rio de Janeiro. Estudou Direito e Medicina, mas não concluiu nenhum dos cursos. Ganhou a vida como jornalista e funcionário público. Foi eleito “Príncipe dos Poetas Brasileiros” e escreveu a letra do Hino à Bandeira. Foi também conferencista, cronista, publicitário e autor didático. Entre suas obras encontramos:

Poesia: *Poesias* (1888) – obra que inclui “Panóplias”, “Via Láctea”, “Sarças de fogo”, “Alma inquieta”, “O caçador de esmeraldas”; *Sagres* (1898) – poemeto; *Poesias infantis* (1904); *Tarde* (publicado postumamente em 1919).

Prosa: *Crônicas e novelas* (1894); *Críticas e fantasia* (1904) – obra escrita em colaboração com Guimarães Passos; *Conferências literárias* (1906).

Outros poetas parnasianos foram Alberto de Oliveira e Raimundo Correia. Leia a seguir um poema que descreve uma cavalgada. O poema é de Raimundo Correia.



A cavalgada

*A lua banha a solitária estrada...
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estranha cavalgada.*



*São fidalgos que voltam da caçada;
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...*



*E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...*



*E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta
A lua a estrada solitária banha...*

Fonte: Raimundo Correia. "A cavalgada". Em: Faraco & Moura. *Língua e literatura*. II vol. 14^a ed. Ed. Ática, São Paulo, 1994. Pág. 265.

Menos representativo, mas voltado também para causas sociais, foi o parnasiano Artur Azevedo. Dele é este poemeto cheio de humor, crítica política e jogo de palavras:



*Desde 15 de novembro
Estamos na ditadura...
Há muito tempo
Que a dita dura,
Não há?*



*E diz agora um boato
Que só no século vinte
Chamada a postos
A Constituinte
Será...*



*Ditadura!... Há muita gente
Que a considera ventura!
Concordo: é dita,
Mas dita dura
De roer...*



Fonte: Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix. 1977. Pág. 259.

